

# A TROÇA

Orgão critico, litterario e noticioso

PROPRIETARIO—PEDRO CARLOS

## EXPERIENTE

### ASSIGNATURAS

Na capital por mez 500 reis.  
Fora da capital trimestral 25000

†

A Troça, se publicará uma vez por semana

†

Escriptorio da Redacção: —Rua da Lama  
n. 22.

†

Numero avulso do dia 200 reis; atrazado  
por ajuste.

## A TROÇA

### Em nesso posto

Não nos demovem de continuar-mos em nosso tirocinio jornalístico o odio e a vingança de meia dúzia de estúpidos, verdadeiros quadrados sociaes, que não sabem differenciar a imprensa critica e livre da imprensa puramente litteraria ou politica.

Quando surgimos na vasta arena da imprensa, dissemos em nosso programma — que tinhamos no riso—a moralidade; na dignidade—a honra particular; nos nossos conceitos—a verdade da imprensa que cauterisa sem dor nem doestos.

Isto dissemos e temos mui esculpulosamente cumprido.

Entretanto, por causa da Variedade que sob a epigraphe de *Notas tachigraphicas em umas partidas pelo carnaval*, publicamos em o nosso numero passado, e que a sua auctora, observando as disposições do nosso programma, revistiu-a da critica sensata que illustra e não da maledicencia que detesta, apresentaram-se em campo uns poucos de valentões, que se julgam protagonistas do historico da variedade em questão.

Ora, si alli não ha offensa á moral publica, e sim uma muito respeitabilissima allusão á algumas pessoas que tomaram parte em referidos divertimentos;

Si sereno—é a lagrima da noite,

e Alce, Ame e Ade, não são nomes proprios de creatura de saia nenhuma, como é que se quer tomar um desforço contra o proprietario d'este jornal, que aliás não é seguiu para morrer de carbóas?!

Não sabem estes que assim procedem que somos experimentados nas luctas da imprensa livre e independente?

Não sabem que não é com ameaças ou promessas indignas que a imprensa cessa de publicar isto ou aquillo deste ou d'aquelle? Para que pois não se chegam a nós com geito?

Não sabem que

Com geito se leva o mundo.

De tudo o geito é capaz?

Que o caso é ajeitar-se o geito

Como muita gente faz?

Pois bem; de uma cousa resta agora as pessoas que se acham offendidas com dito escripto ficarem scientes, e é:

Desde que annuimos á diversos pedidos que nos foram feitos por pessoas que muito nos merecem, para não continuarmos a publicar a referida variedade, o que fazemos por sermos condescendentes, esperamos tambem que os presumidos offendidos não façam o menor desacato á nós, cá da Troça, nem a pessoa alguma que por ventura seja indigitada autora do dito escripto; porque si o fizerem, passarão pelo desgosto de ver continuarmos mais claramente a dita narração, de muito embora no que dór.

## CARTAS

O nosso amigo João Antunes, sobre a questão da Variedade da Troça, enviou ao seu proprietario a seguinte carta:

«Cidadão Pedro Carlos, proprietario da Troça.—Saude e fraternidade.—Con-tando-me que alguém propala ter sido eu author de uma Variedade publicada em seu jornal

n. 6 de 12 do corrente mez, e como ha quem acredita semelhante boato p-vo-vos que me respondas ao p'dito de manifestar para ser publicado em sua Troça escripto, de qualquer natureza que provem ser letra minha, digo, de meu proprio punho ou por mim assignado.

Espero, pois, sua resposta para completo reconhecimento de quem me accusa, e permitta-me que use d'ella, como bem me approuver.

Desculpa-me se vou interromper-vos em vossos trabalhos diarios, para assim se faz preciso para que alguém não me considere como author de tal Variedade. 17-5 92.

Do amigo e obrigado

João da Silva Antunes.

O proprietario da Troça dignou-se responder ao mesmo Sr. João Antunes como abaixo se vê:

Illustre Sr. João da Silva Antunes.—Saude e fraternidade.—Satisfazendo ao vosso pedido tenho a responder vos que muito estranhei a pergunta que acima me fazeis, uma vez que sois simplesmente assignante do jornal de minha propriedade.

Si alguém se acha offendido com o historico da dita variedade, faça prevalecer seus direitos pelos meios legaes, inquirindo-me acerca, porque como bem se comprehende o proprietario da Troça, que sou eu, não está disposto a declarar quem seja—redactor ou collaboradores do dito periodico.

Damaiz accresce que alli não ha offensa á moral publica, como provarei em juizo se a isso for obrigado, nem ha violação da vida privada.

Sem assumpto para mais, acceteis um aperto de mão

Do criado e obrigado,

Pedro Carlos.

(17-5 92).

P. S. Podais fazer desta minha resposta o uzo que vos convier.

O mesmo.



« Illmo. Sr. Pedro Carlos. — Tendo chegado ao meu conhecimento que o Sr. tem sido diariamente ameaçado em sua vida publica — de offensa physica, por ter inserido em seu jornal a *Variedade* que lhe enviei para ser publicada, sob o título de *Notas tachygraphicas* etc., peço-lhe o obsequio de cessar dita publicação e tambem de remetter-me, intactos, os *autographos* para, sob minha exclusiva responsabilidade, publical-os no jornal que bem me convier.

Sou filha familia, e si meu pae ausente como está soubesse ser eu a autora da dita variedade muito se encomodaria commigo, porque iria me prejudicar, aos meus estudos e á minha pretensão, como bem sabe o Sr. e só escrevi dita variedade baseada nas regras da moral e civilidade.

Aproveito a oportunidade para agradecer-lhe o ter o Sr. não declarado á pessoa alguma quem foi a autora de dita variedade.

Remetta-me, portanto, os *autographos*, e aceite a gratidão da Sua criada e constante leitora,

\*\*\*

Maceió, 20 de Maio de 1892.

Eis a resposta que mandou o proprietario deste periodico :

Illm.<sup>a</sup> Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. \*\*\*. — Meus respeitos á V. Ex.<sup>a</sup> — Muito agradeço a resolução tomada por V. Ex.<sup>a</sup> a fim de salvaguardar-me das garras de certos *animas* de dois pés, que, infelizmente, andam soltos nas ruas desta cidade rosnando contra mim e amigos meus.

Quanto, porém, ao pedido que me fez da devolução dos *autographos*, muito sinto dizer-lhe que não posso satisfazê-la, pois é praxe da imprensa — não restituem-se á pessoa alguma — *autographos* não publicados.

Portanto, aceite V. Ex.<sup>a</sup> os meus agradecimentos, desculpando-me esta falta involuntaria.

Maceió, 20 de Maio—92.

Do criado e respeitador.

Pedro Carlos.

—:—

### Ao publico

Não posso deixar passar sem um solenne desmentido o boato espalhado por alguns *interessados*, sobre a variedade encetada no numero passado deste periodico, sob

epigraphe — *Notas tachygraphicas*.

Não recibi importancia alguma para sustar a publicação do referido escripto, nem foram ameaças, pois não as temo, que me levaram a assim proceder.

Pedidos de amigos a quem muito considero obrigaram-me a pôr termo ás referidas narrações, que, aliás, não ferião a honra e a dignidade de quem quer que fosse.

Fazendo a presente declaração só tenho em vista scientificar ao publico a inexactidão de semelhantes boatos, espalhados por individuos *valentões* que costumam medir os outros pela sua bitola.

Maceió, 20 de Maio de 1892.

Pedro Carlos.

### No corredor

(INTIMAS)

Era, como no fundo de uma gruta.  
Como num bosque, como num desvio,  
Como detraz da pedra de algum rio,  
Como num canto azul do céu... escuta,

Aquelle corredor, onde a permuta  
Deu-se de um beijo noutro : um catastro.  
De indizivel prazer tomou nos, vio-o  
Em teu rosto, em tua alma-resoluta.

Vinham todos após, e ninguem veio,  
E ninguem vio, e como num deserto.  
Embracava o teu corpo meio a meio.

A aquarella da luz cobrio de certo  
Esse instanianeo idyllo ; e tambem creio,  
Que houve um deus, nosso amigo, alli por certo...

Luiz Delfino.

### POR DENTRO E... POR FO'RA

Na aula de arithmetica :

O professor :

— Vou dar-lhes um exemplo, imaginem que estão aqui 24 annos.

Um alumno :

— Perdão, Sr. professor. Eu conto vinte e cinco.

O professor, furioso, leva pela orelha o alumno insolente até a porta.

O alumno, sabindo.

— Agora pôde contar vinte e quatro.

—:—

### Bonito !

Quarta feira 18 do corrente o guarda da Intendencia ultimamente nomeado — prendeu a sua ordem com auxilio de uma praça de policia a um prêto, sem se saber o motivo que deu lugar a prisão.

Ao chegar a cadeia o preso acompanhado do delegado guarda, este

deu ordem verbal ao policia — metta o facão n'este safado — e teria sido victima do sabre policia o pobre preto que seguiu o caminho da cadeia com toda calma se não fosse a intervenção do cidadão alferes João Guimarães que não consentiu que a praça executasse as ordens do guarda mandão.

Constou-nos que a prisão não fora effectuada por infracções municipaes o como podia este guarda prender qualquer pessoa á sua ordem e mandar tocá-lo a facão sem ser isto á ordem da autoridade competente. !

Bravos ? Um guarda fiscal em exercicio de autoridade, — prendendo e espancando !

O caso exige uma providencia, do contrario este guarda engole a população.

Ao Dr. Chefe e ao Intendente compatem chamar o delegado ás contas.

—:—

Em um botequim:

O freguez ao criado :

— Rapaz ! esta cerveja não me serves está taldada.

O Figueira :

— Pode beber sem susto, meu senhor, a cerveja está boa. O copo é que está sajo, por isso engana.

—:—

No tribunal. O juiz, interrogando o réo :

— O seu estado !

O réo. — Mão Sr. Juiz. Toda a noite tive umas dores de cabeça horriveis.

—:—

Isso de amor é toleima,

Mais ou menos perigosa :

Quem por ser amado teimo  
Tem loucura furiosa...

—:—

### Justa reclamação

Pedem-nos muitos *Geis catholicos* que façamos um *appello* á Irmandade de N. S. do Livramento, n-sentido de continuar a ser com d'ant's era, celebrado o santo officio da missa, pela madrugada dos dias de Domingo, porque pessoas que concorrem com suas esportulas para o dito fim, veem-se no entanto privadas de ouvirem as missas por começarem estas a ser celebradas quasi que ás 6 1/2 horas do dia, quando não podem comparecer trazendo roupa um pouco uzada.

Cremos que seremos attendidos.



no justo appello que ora fazemos á  
meza regedora da Irmandade do  
N. S. do Livramento.

### Morta

Como te amei, não digo; é um impossível...  
O espaço e o tempo em ancias devorei  
na dor, na felicidade, em phantasias...  
Dize tu, morta, como eu te amei!  
Agora falle a cruz da sepultura,  
falle o estromecer do teu sudário...  
Como eu te amei... Perdão, oras tão santa  
e foste o meu Calvario!

Frenesi de loucura, ardência d'alma,  
prantos, raiva e paixão—tudo que eu sei  
de ti, de mim, de nossa vida inteira  
não te podem dizer como eu te amei!  
Agora, sim; agora o comprehendendo;  
morta, que o coração triste me ateias  
e o pranto, o pranto que esfria as faces  
vem, aquecer-me as veias!

Seu de mim mesmo algoz e condemnado:  
vivo sonhando a vida onde deihei!  
Tudo me doe, tortura e me inquieta,  
eu sei hoje, meu Deus, como eu te amei!  
Creio que te amei pouco e muito e muito  
a memoria me accusa e a dor me rala;  
tenho remorsos desse amor tamanho  
e até a mudez me falla.

Cego, de olhos abertos, desvalrado,  
dores sem fim, saudades que passei  
e um diluvio de lagrimas sentidas  
hoje podem contar como eu te amei!  
Cuias-me no sangue, no ar respire-te,  
nos braços—sombra van, sinto-o vazio:  
meu corpo a vacillar ardendo em chamas  
e eu? Eu tenho frio!

Si fecho os olhos para não ver-te—vejo;  
si um momento te esqueço, eu fico afflicto;  
imploro a Deus e as lagrimas não param;  
procuro ensurtecer—ouço teu grito!  
Vem do sepulchro, vem, rasga-me o seio,  
Transvaza o coração que eu te entreguei,  
e uma a uma as gottas derradeiras  
dirão como eu te amei!

José Bonifacio.

### NOS DISSERAM

... que nos scautelassemos de  
passar no aterro da casa dos mor-  
tos.

... que si facilitassemos, o trium-  
pho seria páu.

... que tirada a causa, cessa o  
effeito.

... que em morrendo os filha-  
dos acabam-se os compadres.

... que ninguém propale mal  
de nós, sinão... sinão.

... que se julga alguém que  
temos medo de ser chamados á res-  
ponsabilidade, engana-se completa-  
mente.

... que nós sabemos o que é  
responsabilidade de imprensa.

... que não somos tão burros  
como os que a-sim pensam.

... que quem tomou a carapu-  
ça que a bote na cabeça.

... que estamos dispostos com  
o que der e vier.

... que um homem é um ho-

mem e um gato é um bicho.

... que quem me avisa meu  
amigo é.

... que com delicadeza arrumam  
tudo comnosco, porém com a for-  
ça bruta. só sahem perdendo.

... que se quizerem ver a ver-  
dade—nada custa é sómente expri-  
mentar.

... que presumpção e egua-  
benta cada um toma a porção que  
quer.

... que a moça que posauir  
tres objectos pode namorar com trez  
rapazes.

... que o nosso amigo Manoel  
Jacintho vai ser reintegrado no lu-  
gar de servente da alfandega da  
capital.

... que por causa das notas la-  
chygraphicas tem havido moscas  
por cordas e mosquitos pelo aterro  
do cemiterio.

... que o K. Samba da Troça  
protesta contra a authoria que lhe  
dão da cuja dita.

... que o mesmo declara seu  
nome ser outro.

... que o regredo não sae da  
redacção ainda que o Diabo rese o  
credo á avessas.

... que certos cadetes zanga-  
garam-se com a Troça.

... que os mesmos não tiveram  
razão.

... que neste numero vai o  
resto.

... que quem tem talhado de  
vidro não atira pedradas nos dos  
visinhos.

... que depois desta tempestade  
que a Troça está na proposi-  
to firme de moralisar esta boa terra.

... que quem não quer bulha  
com o jacaré não bole nos ovos  
delle.

... que o Cara Dura vai pedir  
a Troça em casamento.

... que o Santa Rosa não con-  
sente pois o antigo namerado.

... que brevemente se falla so-  
bre certos vendes meus da rua  
Nova.

... que os soldados de policia  
que acham-se no quartel de Jara-  
raguá estão morrendo de contente,  
porque vão receber fardamento novo  
e facão do cabo amarello.

—:—

### Versos d'alma

Choras?... não choras, não. Não val o pranto  
Que por mim derramas  
Eu sou infeliz. Ah! guarda o teu encanto  
E o da a quem não amas.

Julguei poder amar, julguei poder gozar,  
Mas a sorte não quiz.

Sou um ente sem vida, morro sem chegar,  
So' morre um infeliz.

Já vi do firmamento as mais brilhantes cores  
Que fugiram,  
Da vida do jardim as mais miúdas flores  
Me mentiram.

Já risos de ventura em meus labios  
Desbrocharam.  
Logo apôs de negro sangue os resabios  
Me calaram.

Viver nas trevas, quando tudo é luz  
Val mais a morte;  
Ter n'alma a tristeza, o riso á fluxe  
Não val a sorte.

A sorte é bassegau que sempre opprime  
Ao rico ou desgraçado;  
Sorrindo aponta o mal, aponta o crime,  
Ao desherdado

Abraco a negra morte, qual o naua  
A viração;  
Não posso já viver ao som da flauta  
A' voz do coração.

So' me resta um adeus bem commovente  
Aqui deixar-te,  
Nosso amor sempre-tenho a innocente  
Então lembrar-te

Adeus! Não choras, não. Não val o pranto  
Que derramas por mim,  
Eu não posso te amar minh'alma sem encanto  
Tem um gemido sem fim.

8 de Maio de 92.

Sebastião Lyra.

### BOCEJOS

#### O CAMBIO

O que mais me sobressalta  
D'entre as questões actuaes,  
E' o cambio inconstante, a falta  
De firmeza que elle traz.

Pois vive n'um sobe e desce,  
Revira-voltas emfim,  
Que mais ao certo parece  
Uma comedia arulm.

Ou seja um mal que se sente,  
Ou que prometta inda vir,  
Que é verdade patente  
E' que elle nao quer subir.

Na sua estabilidade  
Não se pode confiar,  
E eu não sei quando elle ha de  
Lá um dia se firmar.

Descrentes nos faz, porquanto  
Crendo em noticia feliz,  
Que o cambio desceu á tanto  
O telegramma nos diz.

No nosso espirito fuge  
Toda a esperanza loucan;  
Pois se o bicho sobe hoje,  
Esperem, desce amanhã.

Mercurio.



## LAPADAS

Com as meninas devotas  
Que só querem namorar  
O *K. Labrote*, disposto  
Quer hoje se despicar.

Se não cuidam n'outro officio  
As senhoras namoradas,  
Ja se sabe, d'outra vez  
Levarão fortes lapadas.

Olhem...conheça-as todas  
Que na matriz vão ceirar;  
Se hoje não levão réio  
E' porque quero avisar.

Agora é com seu *São Paio*:  
Deixe de descaração,  
Olhe que não é quartel  
A casa de devoção.

Por hoje só leva quatro  
Das boas, bem entendido;  
E' um favor que lhe faço,  
Fique logo prevenido.

Aquillo para epitaphio  
Só faltou o — aqui jaz,  
« A terra te seja leve »  
E por baixo o — dorme em paz.

Mas...mortos d'uma só vez  
Do quadro d'honra na tela  
Os nossos bons patriotas,  
Só pela febre amarella!

Oh, seus pintores da Patria  
Deixem dessas ençoadas  
Que bom vos podem valer  
Vinte e quatro sipoadas.

*K. Labrote.*

—:—

### Conto

(A' CECY . . .)

Oh! como és bella, quando á  
tardinha estaes na janella de tua  
modesta casinha, a fazer o teu alvo  
crochet, sinto que o meu coração  
sobresalta-se, quando aquellas al-  
vas linhas roçam de leve nos teus  
mimosos dedinhos; quando lança  
sobre mim aquelle olhar fascinador,  
aonde posso traduzir nelle á pala-  
vra—Amor! . . .

Para eu ser julgado o mais feliz  
do Universo, bastava que tu, mi-  
nha loura Celury, dissesse-me:—  
—Eu amo-te loucamente! . . .

Eu, com as commoções que me  
produziriam essas palavras, de cer-  
to respondia-lhe o seguinte:—

« Vem minha Cecy, és tu o meu  
anjo salvador! Vem aos meus bra-  
ços, que eu serei o teu ditoso:—

Uma tristeza, cruel, opprime o

meu peito, uma melancolia terri-  
vel, penetra me no fundo do cora-  
ção! . . .

Penso! Em que?

N'uma visão seductora, que vejo  
todos os dias, dormindo ou vela-  
do, a sua sombra me persegue,  
sempre a vejo junto ao meu leito  
como um phantasma pe seguidor.

Uns fluidos el-triztantes sôam-  
me no peito, como uma palavra,  
que dá força e grandeza na vida  
do poeta—Amor!!

Ella! ?... Ella, talvez não sei-  
ba o que eu soffro, porque o meu  
amor é uma nuvem escura para ella  
—Amo-a em segredo! . . .

Porém, se uma palavra minha  
chegasse a fazer explosão no teu  
coração, talvez tu, acordasse deste  
pezado horrorivel e dissesse-me:—  
Eu amo-te! Vem a meus braços,  
que serei eu, a tua Cecy! . . .

*José Carolino.*

## VARIEDADE

### Carta de um sapateiro a sua «ella»

Meu coração de solta e vira.—E'  
dominado pela borracha da meu a-  
mor que hoje tomo a resolução de  
escrever-te.

Quando acócho os pontos de meus  
presentimentos e tiro a conclusão  
da sêda de teus cabellos, julgo ver  
no marroquim preto de teus olhos o  
contra forte de minhas esperanças.

E's a fôrma que se justou aos  
meus sonhos de felicidade e sobre  
quem assento a palma de meu futu-  
ro; e quando julgo ouvir a rangi-  
deira de teus sorrisos, então don-  
zella minha, a sovella ou a taxa da  
saudade me dilacera a alma!

Burniste em meu coração a obra  
perfeita de teus affectos, pregaste  
em minha imaginação o laço de tua  
belleza... ai! que nunca o salto da  
teu desdém equivalla ao martello  
com que martyrisas o cheio de mi-  
nha consciencia!

Foi sobre a tenda de meu peito  
que jurei amar-te, e, confiado no  
tira-pé de minha persistencia, che-  
guei até o pincel dos meus desejos,  
com o qual attingi o tinteiro de que  
me servi para distinguir a medida  
de minha declaração.

E para isso não olhei a arma das  
difficuldades, por estar quasi con-  
victo de que não seria repellido  
pela troquez de tua indiferença.

Agora, minha bella, vejo em ti a

grasa, a lixa com que gastas as mi-  
nhas conjecturas, o sabugo com  
que aperfeições o fio de minha ex-  
istencia, a vidro emfim com que fa-  
zes desaparecer os defeitos do  
meu mau humor

Estou ligado a ti pelo grude do  
mais feliz affecto; e que não venha,  
portanto, a cacerenga do ciúme tra-  
zer á nossa vida a negura da grava  
ou o azedume do limão, quebrando  
assim as presidias de nossa tran-  
quillidade.

Eico com um fogareiro acceso no  
coração e recebe uma prova de a-  
mor de teu.

*Pedro Oez da Silva Graça.*

## COLUMNA LIVRE

O abaixo assignado declara, a  
quem interessar possa, para evitar  
duvidas presentes e futuras, que  
nada tem com a redação da *Troça* e  
nem tão pouco com a publicação  
de uma Variedade inserida no mes-  
mo jornal de sexta-feira 13 de *Mai*

Faz a presente declaração para  
pess-ôa alguma não ficar suspetan-  
do que o mesmo abaixo assignado  
envolve-se com a vida privada das  
familias.

Maceió, 14 de Maio de 1892.

*João da Silva Antunes.*

—:—

### Aviso

A combinação entre amigos de  
que e' depositario Theodoro Conra-  
do da Silva, teve extracção no dia  
20 do corrente mez, a pessoa que  
tiver as cautellas com os n.º pre-  
miados queirão dirigir-se ao mesmo  
que será entregue, assim como as  
cautellas que não pagarão ate' esta  
data perderão o direito que tinham  
ao premio.

Maceió, 20 de Maio de 1892.

*Theodoro Conrado da Silva.*

—:—

O abaixo assignado para evitar  
duvidas, declara não dever actual-  
mente á pessoa alguma e muito a-  
gradece a aquelles que o toem hon-  
rado dispensando-lhe o pequeno  
credito de que dispõe n'esta Capi-  
tal.

Maceió 18 de Maio de 1892.

*Agapito Bizarra da Silva Dante.*